

A MAIS ANTIGA BIOGRAFIA DE CAMÕES / THE MOST ANCIENT CAMÕES' BIOGRAPHY*

Resumo:

Transcrição da mais antiga biografia de Luís de Camões, escrita por Pedro de Mariz, impressa em 1613 na edição d'*Os Lusíadas* comentados por Manoel Correa, e reimpressa na edição das *Rimas* de 1616 com alterações, indicadas em nota. Modernizaram-se a ortografia e a pontuação em todos os textos.

Abstract:

Transcription of Luís de Camões' most ancient biography, written by Pedro de Mariz and published in 1613 on *Os Lusíadas*' edition commented by Manoel Correa, and republished in the edition of *Rimas* from 1616 with modifications, indicated on note. The orthography and punctuation were modernized in all texts.

MARIZ, Pedro de. “Ao estudioso da lição poética” In: OS LUSÍADAS / DO GRANDE / LUÍS DE CAMÕES / PRÍNCIPE DA POESIA HERÓICA / Comentadas pelo Licenciado Manoel Correa, Examinador Sinodal / do Arcebispo de Lisboa e Cura da Igreja de São Sebastião da / Mouraria, natural desta cidade de Elvas. / Dedicados ao Doutor Dom Rodrigo d'Acunha, Inquisidor Apostólico / do Santo Ofício de Lisboa. / Por Domingos Fernandes seu livreiro. / [*armas portuguesas*] / Com licença do S. Ofício, Ordinário e Paço / Em Lisboa / Por Pedro Craesbeeck. Ano 1613 / Está taxado este livro em 320 reis em papel.¹

* Pedro de Mariz, o notório autor da mais antiga biografia de Camões (“Ao estudioso da lição poética”), nascido em Coimbra por volta de 1550 e falecido em Lisboa a 24 de novembro de 1615, foi “presbítero secular, bacharel em Cânones, guarda-mor da livraria da Universidade de Coimbra, e corretor na tipografia de seu pai, António de Mariz” (cf. STORCK, Wilhelm. *Vida e obras de Luís de Camões*. 1ª parte. Versão do original alemão anotada por Carolina Michaëlis de Vasconcellos. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1897, p. 24-25). “[...] no último quartel da vida, exatamente quando escreveu aquela Introdução [biografia], era escrivão e reformador da Torre do Tombo” (CANTO, José do. *Coleção camoniana – tentativa de um catálogo metódico e remissivo*. Lisboa Imprensa Nacional, 1895, p. 9). Domingos Fernandes – editor d'*Os Lusíadas* comentados por Manoel Correia (1613), em cujo paratexto já figurara o esboço biográfico do poeta escrito por Pedro de Mariz –, em seu “Prólogo ao leitor”, de 1616, lamenta a morte do biógrafo quando afirma: “Folgara eu que fora vivo o mesmo Pedro de Mariz, para que, com seu eloquente estilo, pudera acrescentar a estimação que fez do nosso poeta, após Dom Gonçalo Coutinho, primeiro princípio na obra de sua sepultura, Martim Gonçalves da Câmara que, pedindo licença ao mesmo Dom Gonçalo, lhe acrescentou o epitáfio latino que hoje se lê nela, que aqui também trasladarei para os curiosos ausentes, e do que ganhou Luís de Camões na devoção e cuidado destes dois homens [...]” (cf. nota 1 para referência bibliográfica). Desta forma, não há dúvida de que o texto de Pedro de Mariz é o impresso em 1613, e que o de 1616 é uma reprodução póstuma com alterações declaradas pelo editor Domingos Fernandes, o que justifica a edição crítica (1613-1616) da primeira biografia impressa de Camões. Para a transcrição do texto de Pedro de Mariz, utilizou-se a primeira versão, impressa em 1613 (exemplar consultado pertencente à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro). Para a transcrição das alterações, acréscimos ou supressões presentes na edição de 1616, em relação à de 1613, foi utilizado, naturalmente, o texto presente na “segunda parte” das *Rimas*, de 1616 (exemplar consultado pertencente à Biblioteca Particular de Cleonice Berardinelli).

¹ Em 1616. MARIZ, Pedro de. “Ao estudioso da lição poética” In: RIMAS / DE LUÍS DE CAMÕES / SEGUNDA PARTE. / Agora novamente impressas com duas Comédias do Autor / Com dois Epitáfios feitos à sua Sepultura, que mandou fazer / Dom Gonçalo Coutinho, e Martim Gonçalves da Câmara. / E um Prólogo em que conta a vida do Autor. / Dedicado ao Ilustríssimo, e Reverendíssimo senhor Dom Rodrigo d'Acunha / Bispo de Portalegre, e do Conselho de sua Majestade. / [*armas dos Cunhas com as insígnias episcopais e a legenda “Dom Rodrigo da Cunha episcopo Portalegre”*] / Com todas as licenças necessárias / EM LISBOA. Na Oficina de Pedro Craesbeeck. 1616. / À custa de Domingos Fernandes mercador de livros. / Está taxada a tostão em papel. Com Privilégio Real.

Ao estudioso da lição poética.

*P. M.*²

Duas coisas, achava o filósofo, causavam nas repúblicas grande felicidade: zelo e agradecimento, porque um fazia união fortíssima e invencível entre os ânimos mais discordes e fracos, e o outro enchia o mundo de obras heróicas, com que os impérios se fazem opulentos em grandeza de senhorio e segurança de sua conservação. Bem se vê esta verdade em nosso reino português, assim no tempo em que a gratificação dos príncipes andava pela medida dos merecimentos de cada um, com que o reino se aumentava admiravelmente, como também quando, por sermos ingratos a Deus e aos homens nos benefícios recebidos, nos vemos envolvidos em tantas misérias e tribulações, e quando a falta do zelo do bem comum, em os que mais podem e sabem, tem causado grandes ruínas em os melhores edifícios desta coroa.

Queixa é esta antiqüíssima, e muito mais antiga a enfermidade de que ela procede e, por isso, muito incurável e sem remédio, se Deus com seu poderoso braço não lhe acode. E é tão geral esta doença, que até nas coisas menores mostra sua fúria com crueldade, como se tem visto em muitos homens a que as obras heróicas fizeram famosos, ilustres e grandes, e esta enfermidade os fez viver em suma pobreza, acanhados, e morrer miseravelmente. Sendo assim, quem nem as migalhas do que eles ganharam a esta coroa (e os pudera fazer riquíssimos) os roedores dela lhe[s] quiseram dar, antes os perseguiram, desacreditaram e fizeram morrer sem galardão.

Exemplos temos muitos nos sucessos da paz e da guerra, com que se pudera confirmar esta verdade, se ela por si não fora tão patente, pois até o nosso Luís de Camões, neste seu poema tão benemérito, como aquele que deu perpétua vida às mais heróicas obras da nação portuguesa (que já hoje houveram de estar sepultadas em o perpétuo esquecimento a que têm condenado outras muitas), foi tão perseguido desta enfermidade que viveu miseravelmente, e morreu quase ao desamparo, sendo assim quem alcançou neste reino tempo florentíssimo em príncipes, e venturoso com um rei augusto, liberal e magnífico.

Senão, se a Fortuna, quanto o avantajou mais dos outros homens na excelência poética, lhe tirou de ventura em remuneração também merecida, como aconteceu neste mesmo

² Em 1616: “Ao estudioso da lição poética. Feito por o Licenciado Pedro de Mariz, Sacerdote Canonista, em que conta a vida de Luís de Camões.”

reino, e nesta mesma cidade, ao outro astrólogo, que em Salamanca tinha prognosticado ao senhor Dom Manoel (quando lá estudava para clérigo) que havia de ser um grande monarca, rei liberalíssimo, e mui grandioso – conceito de que os fidalgos portugueses então zombavam, por ele ter diante de si e da coroa dezasseis pessoas. Mas sucedeu, depois de tantas coisas, a el-rei Dom João II, e vindo a esta cidade o astrólogo pedir remuneração do que merecia tão boa nova, entrou com o rei, e ainda que não esquecido da promessa que lhe fizera, e possuidor do grande bem que lhe prognosticara, não lhe deu mais que mui poucos cruzados, o que, sabido pelos fidalgos, que fora o esperavam carregado de grandes mercês, acusaram ao astrólogo de ignorante pelas poucas esperanças que dava de grandioso quem com tal obrigação se mostrava tão escasso. Mas o astrólogo acudiu logo que não procedia do rei (pois havia de ser mais grandioso do que ele dizia), se não de sua curta ventura, que nem com tão magnífico príncipe se estendia a mais que aquela miséria.

Assim o nosso Luís de Camões, por uma obra tão famosa, e de tanta utilidade para a honra deste reino, como este poema, e de tanto gosto de um rei tão altivo e grandioso como el-rei Dom Sebastião, não acho[u] quem lhe fizesse maior mercê que quinze mil reis de tença, e que estes havia de vencer residindo em corte, e para isso se lhe havia de passar alvará cada três anos.

Dir-me-eis: “Não teve graça com este rei, mas teve-a com os mais príncipes, e fidalgos”. Não há tal, porque viveu em tanta pobreza, que, se não tivera um jau, chamado António, que da Índia trouxe, que de noite pedia esmola para o ajudar a sustentar, não pudera aturar a vida, como se viu: tanto que o jau morreu, não durara³ ele muitos meses.

Pelo que, venho a concluir que, ou sua fortuna era tão curta, como a do outro astrólogo, ou ele tinha alguma propriedade natural que afastava os homens de lhe fazerem bem, como em outros costuma causar a ingratidão, doença de que, me dizem, ele foi tocado, e assim ficam com menos culpa os nossos príncipes.

Porque foi de todos eles tão estimada esta sua excelência poética que, tendo outro poeta português (também famoso) composto em verso a mesma empresa, quando viu este poema de Camões, e que todos o conheciam por tão heróico, não quis mostrar o seu, posto que estava com ele muito ufano. E de todos os mais portugueses foi tão venerado este poema que, contra

³ Em 1616: “durou”.

a natural propriedade portuguesa de estimarem mais as coisas de estrangeiros que as suas, se têm impressos neste reino mais de doze mil volumes.

Pois dos estrangeiros (a que as suas coisas parecem melhor que as das outras nações) foi tão estimado, que não se contentou cada uma delas com menos que com [o] apropriarem a si no modo que podia ser, traduzindo-o em suas línguas, com tanta curiosidade, que em Castela se fizeram três traduções, em Itália uma, em França outra – posto que eu a não vi –, e até em latim se começou a fazer neste reino por um dos maiores poetas latinos que Portugal teve – que a morte atalhou, privando-nos de tamanho bem –, porque, como o Camões foi tão grande imitador da mais heróica poesia latina, e só a humildade da nossa língua portuguesa lhe podia humilhar o seu grande espírito poético, em que nenhum dos mais famosos lhe levou vantagem, tornado ele à formosura da língua latina, havia de ficar um muito heróico poema.

Porque também o Camões excedeu a todos os latinos, gregos e toscanos nas comparações com que descreve, pinta, e descobre o íntimo dos conceitos poéticos, com artifício admirável e mui próprio, além de outras muitas figuras e tropos de retórica, de que em muitas partes usa, com tanta energia e eficácia que nenhum dos antigos lhe levaram [*sic*] vantagem, como se vê na oitava 41 do Canto II, e em outros muitos lugares, que no comento se apontam e explicam.

Enfim, é tão estimado no mundo, que chegou em nossos dias um alemão fidalgo escrever a esta cidade a um seu respondente, ainda hoje vivo, que lhe soubesse que sepultura tinha o Camões e, quando a não tivesse suntuosa, tratasse com a cidade lhe desse licença para trasladar seus ossos para Alemanha – com aquela veneração que tão insigne homem merecia –, onde lhe faria um túmulo superbíssimo, igual aos dos mais famosos dos antigos. E, concluindo, digo que todos os poetas famosos de seu tempo o reconheceram, e confessaram por superior: até el divino Herrera (que se imaginava o mais levantado de todos os do mundo) dizia que em Espanha só Luís de Camões fora verdadeiro poeta heróico, e o grande Torquato Tasso (que no verso heróico excedeu a todos os toscanos) dizia, em Roma, que a nenhum poeta temia nesta vida se não a Luís de Camões.

Este nosso Camões, [que] foi tão ilustre em nobreza de entendimento, também foi acompanhado da nobreza do melhor sangue que Portugal produziu, porque foi filho de Simão Vaz de Camões, natural desta cidade – o qual, indo para Índia por capitão de uma nau, à vista de Goa deu à costa e se salvou em uma tábuca, e lá morreu –, e de Ana de Macedo, mulher nobre de Santarém; e foi neto de Antão Vaz de Camões e de sua mulher, Guiomar Vaz da Gama, também dos nobres Gamas do Algarve; e bisneto de João Vaz de Camões, morador em

Coimbra, aonde morreu e está sepultado em capela própria, na clausura da Sé de Coimbra, com um letreiro arrogante, ao modo antigo, das coisas que fez em serviço del-rei Dom Afonso V e de sua primeira mulher, Inês Gomes da Silva, filha bastarda de George da Silva, que também era filho bastardo de Gonçalo Gomes da Silva, que era irmão do bisavô do príncipe Demétrio Rui Gomes da Silva, do qual ela ficava parenta dentro no quarto grau.

E assim aquele admirável engenho do nosso Luís de Camões era composto de sangue nobilíssimo, assim por parte de sua mãe, avô, bisavô, como agora dissemos, como também pela parte patronímica dos Camões de Évora, cuja cabeça é uma quinta que chamam “A Camoeira”, de que hoje é possuidor, com título de morgado, António Vaz de Camões, fidalgo bem conhecido naquelas partes.

E como nosso poeta ficou sem pai, e tão pobre que se salvou em uma tábua, em tempo que esperava ficar rico, vendo-se neste desamparo (ou como alguns dizem, homiziado, ou desterrado por uns amores no paço da rainha) se embarcou para Índia. Mas nela foi sempre muito estimado, assim pelo valor de sua pessoa na guerra, como pela excelência do seu engenho. Mas como era grande gastador, mui liberal e magnífico, não lhe duraram os bens temporais mais que enquanto ele não via ocasião de os despender a seu bel prazer, como lhe aconteceu quando foi por provedor-mor dos defuntos às partes da China, de que o vice-rei o proveu, para ver se o podia levantar da pobreza em que sempre andava envolto. Mas nem a enchente dos bens que lá granjeou o pôde livrar que, em terra, não gastasse o seu liberalmente e, no mar, perdesse-o das partes em um naufrágio que padeceu terrível, de que ele faz menção na oitava 128, do Canto X. E não lhe valeu a excelência de sua poesia para deixar de ser preso na Índia pelo governador Francisco Barreto, e de vir capitulado a este reino, antes do qual veio a Moçambique, para onde o capitão Pero Barreto o trouxera da Índia com largas promessas de que ele em breve tempo se viu tão desenganado que, arribando ali a nau Fé e querendo-se o Camões vir nela, ou tornar-se para Índia, o capitão o reteve como preso, até lhe pagar duzentos cruzados que lhe dera na Índia para sua matalotagem e, então, lhe pedia como dívida. Do que queixando-se ele a alguns fidalgos amigos que vinham na nau, eles se fintaram entre si, e o desempenharam, pagando ao capitão os duzentos cruzados, e o trouxeram na mesma nau ao reino, sempre à sua custa. Estes eram Heitor da Silveira, António Cabral, Luís da Veiga, Duarte d’Abreu, e António Ferrão, e outros. Chegaram a esta cidade, no ano de [15]69, que acharam fechada e mui atribulada pela grande peste, de que Deus nos livre. Depois disto acabou de compor e limar estes seus cantos, que da Índia trazia compostos e no seu naufrágio falara, com grande trabalho, como ele diz, na oitava acima referida. E logo no ano de [15]72 os im-

primiu, e ficou residindo em corte, por obrigação da tencinha que el-rei lhe dera, mas tão pobre sempre que, pedindo-lhe Rui Dias da Câmara, fidalgo bem conhecido, lhe traduzisse em verso os salmos penitenciais, e não acabando de o fazer, por mais que para isso o estimulava, se foi a ele o fidalgo e, perguntando-lhe queixoso por que lhe não acabava de fazer o que lhe prometera havia tanto tempo, sendo tão grande poeta, e que tinha composto tão famoso poema, ele lhe respondeu que, quando fizera aqueles cantos, era mancebo, farto e namorado, querido e estimado, e cheio de muitos favores e mercês de amigos e de damas, com que o calor poético se aumentava, e que agora não tinha espírito, nem contentamento para nada, porque ali estava o seu jau que lhe pedia duas moedas para carvão, e ele as não tinha para lhas dar.

Ora, morto ele em tanta miséria que o enterraram na Igreja de Sant’Ana desta cidade, de modo que custou muito trabalho atinarem com o lugar de sua sepultura, quando um fidalgo português, que só neste reino deu o primeiro balanço⁴, lhe mandou fazer sepultura própria, *(mas tão rasa como as do mais povo) mas com este epitáfio nela esculpido*⁵:

Aqui jaz Luís de Camões, Príncipe dos Poetas de seu tempo.

*Viveu pobre e miseravelmente, e assim*⁶ morreu, ano de 1579.

Esta campa lhe mandou pôr Dom Gonçalo Coutinho,

Na qual não se enterrará pessoa alguma.⁷

⁴ Acréscimo de 1616: “o senhor Dom Gonçalo Coutinho, fidalgo bem conhecido neste reino, mandando”. Este acréscimo parece ter se devido à diagramação do livro de 1616, já que neste o epitáfio que Dom Gonçalo Coutinho mandou pôr a Camões está transcrito abaixo do parágrafo acrescido após este.

⁵ Trecho em itálico substituído em 1616 por “na era de 1595, com epitáfio nela esculpido, por honrar este autor como natural”.

⁶ Trecho em itálico inexplicavelmente suprimido em 1616, como se poderá constatar na nota seguinte.

⁷ Acréscimo de 1616: “E o senhor Martim Gonçalves da Câmara pediu licença ao senhor Dom Gonçalo Coutinho, e mandou de novo pôr esta campa que está em Sant’Ana, desta cidade, à entrada da porta principal, e logo pôs o epitáfio do senhor Dom Gonçalo, e mandou pôr o seu em língua latina. Varão gravíssimo, filho do capitão da Ilha da Madeira do conselho do estado d’el-rei, grande valido de Dom Sebastião I, e mui estimado de sua majestade – que Deus guarde! –, havendo refletido as dignidades eclesiásticas que lhe foram oferecidas, e retirando-se no fim da vida a viver privadamente com os padres da companhia em São Roque de Lisboa, não lhe pareceu que encontrava os intentos com que se ali fora, nem as qualidades e circunstâncias que nele concorriam em tratar da honra que se devia à memória de tão grande homem, e assim se ocupou os últimos meses de sua vida. Pela qual obra será sempre tão louvado dos bons espíritos, como é razão que o seja de todos os homens pelo zelo da justiça e bem público que mostrou em todos estados e fortunas; etc.” Segue-se a transcrição dos epitáfios de Dom Gonçalo Coutinho, alterado por uma significativa supressão, e de Martim Gonçalves da Câmara, em latim, inserido nesta versão. Respectivamente: “Aqui jaz Luís de Camões, príncipe dos poetas de / seu tempo. Morreu no ano de 1579. Esta cam- / pa mandou pôr Dom Gonçalo Coutinho, na qual / se não enterrará pessoa alguma.” e “Naso elegis Flaccus lyricis Epigrammate Marcus / Hic iacet, Heroo carmine Virgilius / Ense simul, calamo que auxit tibi lysia famam / Unam nobilitant Mars et Apollo manum / Castalium fontem traxit modulamine at Indo / Et Gangi telis obstupescit aquas / India mirata est quando aurea carmina lucrum / Ingenii haud gazas ex Oriente tulit / Sic bene de patria meruit dum fulminat ense / At plus dum calamo bellica facta

Chamo-lhe primeiro balanço, porque o segundo lhe deu o licenciado Manoel Correa, *cujos é este comento*⁸, o qual, ou por lho pedir o mesmo poeta, como ele me dizia, ou movido do zelo do bem comum, ou por não ser metido na roda de ingratidão dos outros portugueses, ou por mostrar seu engenho e letras, ou por lho pedir algum personagem, ele compôs em largos anos, com vária lição e erudição das boas letras humanas, que dele se pode coligir, em que o comentador era tão famoso, que nas três línguas, latina, grega e hebréia, poucos o igualaram em Europa, da qual os mais insignes o consultavam muitas vezes em coisas mui dificultosas, como de suas epístolas a seus amigos nos contava.

Outras muitas coisas dignas de estima tinha este varão para imprimir em outras línguas primeiro que este comento, mas sua antecipada morte desordenou tudo, de maneira que, padecendo cruel naufrágio, só esta faísca de suas obras saiu acima das águas, mas tão envolta nelas que, quase sossobrada de novos perigos de sua inundação, lhe mandei acudir com uma cortiça de alguns dobrões, porque o tribunal da legacia a mandou rematar em almoeda, como espólios da Sé Apostólica, e a este poderemos chamar o terceiro balanço, que à curta ventura do poeta se lhe deu neste reino, fazendo-o ora imprimir com curiosidade, e procurando que algumas coisas, que os muitos escrupulosos diziam faltava no comento, que se imprimisse, se não achem agora menos nele, *principalmente em alguns lugares até ora não entendidos ou interpretados contra o verdadeiro intento do poeta*⁹, para que o mesmo comentador me tinha dado licença, sem a qual (pode ser) que lhe não metera a mão em sua sementeira. Vale e ama.

Pedro de Mariz¹⁰

**Edição de texto: Mauricio Matos
UFRJ
Cátedra Padre António Vieira / PUC-Rio**

refert / Hunc Itali, Galli, Hispani vertere poetam / Qualibet hunc vellet terra vocare suum / Vertere fas, a quare nefas, aquabilis uni / Est sibi pars nemo, nemo secundus erit.”

⁸ Trecho em itálico substituído em 1616 por “que comentou as *Lusíadas*”, provavelmente por ser se referir à edição d’*Os Lusíadas* (1613) e não à das *Rimas* (1616).

⁹ Trecho em itálico suprimido em 1616, provavelmente por ser se referir à edição d’*Os Lusíadas* (1613) e não à das *Rimas* (1616).

¹⁰ Em 1616: “O licenciado Pedro de Mariz”.